

# DA FRONTEIRA IMAGINADA À FRONTEIRA A SER COLONIZADA: ÍNDIOS, IMIGRANTES E COLONOS NOS RELATOS DE VIAJANTES ARGENTINOS E BRASILEIROS NOS SÉCULOS XIX E XX

*Leandro de Araújo Crestani<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo compreender o processo de colonização e ocupação das fronteiras entre Argentina e Brasil, descrita por viajantes argentinos e brasileiros durante os séculos XIX e XX. A fronteira foi descrita como local “selvagem” (ou espaço vazio) a ser colonizado, definição esta dada por aqueles que se aventuravam em suas viagens para as regiões fronteiriças de seus países. A partir da História Comparada e Transnacional, busca-se compreender a importância dos relatos de viajantes, a fim de analisar suas observações sobre um determinado local e transmitir essas informações ao público culturalmente próximo e geograficamente remoto, sendo, até então, ignorados por essa cultura. Utiliza-se como fonte os relatos de viajantes para descrever as primeiras impressões sobre o processo de comercialização e ocupação (apropriação) das terras e dos confrontos e conflitos que o mesmo gerou entre os índios, colonos, imigrantes e companhias colonizadoras nessa região fronteiriça. Contudo, defende-se a hipótese de que as viagens para a fronteira tinham como principal fator relatar as riquezas disponíveis na fronteira para, posteriormente, ocorrer o processo de ocupação e colonização de tais áreas.

**Palavras-chave:** Fronteiras transnacionais; Argentina; Brasil.

**Abstract:** The present article has as perspective understand the process of colonization and occupation of borders between Argentina and Brazil, described by travellers Argentines and Brazilians during the 19th and 20th centuries. The border was described as "wild" (or empty space) to be colonized, definition given by those who ventured into their travel to the border regions of their countries. From the History Compared and Transnational it seeks to understand the importance of the reports of travellers, in order to analyze their observations on a given site and transmit this information to a public culturally close and geographically remote, being until then ignored by this culture. It uses, as source the reports of travelers to describe the first impressions on the marketing process and occupation (ownership) of the land and of the confrontations and conflicts that the same generated among indians, settlers, immigrants and companies colonizing in the border area. However, it is the hypothesis that the trips to the border had as main factor reporting the riches available at the border, to subsequently occurs the process of occupation and colonization of these areas.

**Keywords:** Transnational borders; Argentina; Brazil.

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Contemporânea pela Universidade de Évora, Portugal. Professor da Faculdade Sul Brasil (FASUL). Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Fronteira e Desenvolvimento Regional da Unioeste e Membro Colaborador do Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais (NICPRI), na linha de investigação “Europe Society, Citizenship and Global Dynamics” da Universidade do Minho (Portugal). E-mail: leandrocrestani@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O artigo tem como objeto de análise os relatos de viajantes argentinos e brasileiros durante os séculos XIX e XX, e visa compreender as suas descrições em relação aos indígenas, colonos e imigrantes que habitavam a presente fronteira transnacional, a qual envolveu os dois países no processo de conquista da fronteira considerada como “espaço vazio” ou “desértico” pelos seus governos e nos relatos de viajantes.

O estudo comparado dos relatos de viajantes visa compreender os conflitos na fronteira transnacional entre Argentina e Brasil. Nos séculos XIX e XX, tais países apresentavam a fronteira como espaços “vazios” (Argentina), ou como “desértica” (Brasil). Durante este período, os países buscavam manipular o simbolismo da fronteira, intervindo principalmente por razões geopolíticas, econômicas e demográficas, ou seja, sendo conveniente descolar frentes de migrações para as regiões de fronteira tanto para garantir a posse quanto a sua soberania.

A estratégia de investigação é comparativa, procedendo uma análise sobre as semelhanças, diferenças e relações de interconexão entre os dois processos históricos de ocupação e colonização de suas fronteiras. Buscamos comparar por meio dos relatos de viajantes a sua percepção e descrição das fronteiras transnacionais entre Argentina e Brasil. As viagens para a fronteira tinham como perspectiva dedicar estudos e observações sobre o espaço, como possibilidade de ocupação na busca de recursos naturais como geradores de riquezas. Logo, “ao viajante cabe narrar, fixar tipos e quadros locais” (SÜSSEKIND, 1990, p. 45-46 apud BONATO, 2014, p. 27).

Contudo, ao comparar os conflitos nas fronteiras transnacionais entre Argentina e Brasil, nota-se que esta era uma região de disputas por diversos interesses, sobretudo no que tange ao fator da ocupação e colonização dos espaços considerados “vazios” ou “desértico”, os quais eram, ainda, considerados como espaços selvagens e locais de barbárie. O ato do viajante de conhecer as fronteiras, como forma de relatar as possíveis riquezas nativas disponível para a exploração, possibilitou o surgimento dos conflitos contra a população nativa, indígena, mestiça e de migrantes.

## 1 FRONTEIRA: ENTRE O IMAGINADO E O COLONIZADO

A historiografia oficial da Argentina compreende a fronteira como “espaço vazio”, como “o espaço improdutivo”, mesmo que ocupado pelos índios; ou seja, aquele território não era, efetivamente, integrado ao território nacional e ao projeto de desenvolvimento nacional. Já na historiografia brasileira, a ocupação dos espaços vazios teve a perspectiva de ocupação desses espaços na fronteira oeste como processo de domínio territorial em relação aos países vizinhos. Porém, a característica principal de sua ocupação aconteceu pelo processo de valorização das terras.

As apropriações das terras da região transnacional surgem em meados do século XIX, a partir da criação de leis agrárias que separaram juridicamente as terras públicas das privadas, estabelecendo a compra como meio fundamental de aquisição de domínio. Ao comparar com historiografia estadunidense, nota-se que o processo de ocupação dos “espaços vazios” apresenta-se como um dos momentos centrais desse processo, não apenas por ter integrado as terras férteis da fronteira na economia mundial, mas porque o imaginário geográfico desta ocupação serviu de mito fundador da nacionalidade e elemento de racionalização da modernidade e do desenvolvimento do capitalismo em tais regiões (SILVA, 2003).

A partir da discussão de Silva (2003), em seu artigo intitulado “Fronteira e Identidade Nacional”, percebe-se que algumas pesquisas desenvolvidas por memorialistas e cronistas, tanto da Argentina quanto do Brasil, discutem essa problemática, mas poucos consideram a experiência das suas fronteiras como elemento central para a formação da identidade nacional e das suas instituições.

Na maioria dos estudos em relação à fronteira, como o desenvolvido por Frederick Jackson Turner, a experiência da fronteira aparece como responsável pelos principais traços distintivos do intelecto do homem americano (branco). A fronteira significava o retorno às condições primitivas e dava aos

pioneiros a oportunidade de construir sua sociedade de modo novo. Esta era uma ideia muito atraente do ponto de vista ideológico, num século dominado pelo romantismo (SILVA, 2003).

A fronteira pode ser compreendida como um local que oferece ao país novas perspectivas, como crescimento econômico, soluções de problemas sociais e, principalmente, domínio do território (num sentido nacionalista), entre outros. Para Catherine Aubertin e Philippe Léna (1988), a fronteira é definida como construção ideológica, traço cultural e conjunto de fenômenos concretos extremamente diversos, com o propósito de pertencer a um mesmo campo de representações, onde se encontra a presença do Estado em todos os níveis.

Os conflitos aparecem como um elemento indissociável da fronteira, pois sua expansão se efetua sempre em um local ou espaço ideologicamente considerado como “vazio” a partir da lógica demográfica, econômica, ou mesmo jurídica. O Estado busca manipular o simbolismo da fronteira, intervindo, principalmente, por razões geopolíticas, econômicas e demográficas, ou seja, sendo conveniente descolar frentes de migrações para as regiões de fronteira tanto para garantir a posse quanto para garantir a soberania do país.

Para José de Souza Martins (1997), a fronteira é a frente de expansão da sociedade nacional sobre territórios ocupados por povos indígenas; é um cenário altamente conflitivo de humanidades que não forjam no seu encontro o homem e o humano. A fronteira é, sobretudo, no que se refere aos diferentes grupos dos chamados civilizados que se situam “do lado de cá”, um cenário de intolerância, ambição e morte (MARTINS, 1997).

A fronteira é, assim, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos. Na fronteira, o chamado branco e civilizado é relativo, e sua ênfase nos elementos materiais da vida e na luta pela terra também é.

Para Martins (1997), a fronteira é, essencialmente, o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista, é o lugar do encontro dos que, por diferentes razões, são diferentes entre si, assim como o índio de um lado e os civilizados de outro; os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja, essencialmente e a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro.

O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história. A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o “outro” se torna a parte antagônica do “nós” (MARTINS, 1997).

## 2 HISTÓRIA COMPARADA E TRANSNACIONAL DOS RELATOS DE VIAJANTES

Neste ambiente de fronteiras transnacionais, a problemática analisada tem como metodologia a História Comparada e Transnacional. Nesse duplo campo de observação, se faz necessária a utilização deste método para compreender a configuração temporal e espacial, a fim de entender a formação e consolidação de suas fronteiras nacionais.

A ideia inicial do estudo foi comparar como Argentina e Brasil, aparentemente com realidades histórico-sociais distintas em suas fronteiras, compreendiam a ocupação ou conquista desses espaços e, principalmente, como foi descrito pela historiografia. Porém, a partir de uma análise *a priori*, parecia ser fácil entender as conexões da formação das fronteiras em questão, entre realidades próximas, tanto na temporalidade e espacialidade; entretanto, não foi uma tarefa tão fácil encontrar as fontes para provar a hipótese inicial, as quais abordassem os conflitos de terras entre os países e, principalmente, a presença indígena na fronteira.

A história comparada e transnacional foi determinante para a compreensão dos sujeitos envolvidos na formação e desenvolvimento das fronteiras transnacionais. Notou-se que, nesse processo, a presença indígena na fronteira é apagada pela história oficial, de modo que o principal item a ser descrito são as potencialidades das fronteiras vazias, fronteiras desérticas, ou seja, fronteiras de ninguém. Contudo, os conflitos em relação à apropriação da terra foram relacionados ao problema mais amplo da

consolidação das fronteiras, o que requer, certamente, um exame de uma série de dimensões nas esferas econômica, política, social e cultural.

A inserção da proposta de pesquisa neste campo encontra razão na complexidade do objeto de estudo, o qual requer um múltiplo campo de observação. A metodologia empregada foi capaz de comparar duas ou mais unidades, destacando semelhanças e diferenças obscuras e as interações entre os objetos em estudo. Para Sean Purdy (2012), em seu artigo intitulado “A História Comparada e o Desafio da Transnacionalidade”, a história comparada dá atenção à metodologia e à teoria, cuja relação intrínseca deve estar sempre presente: a complexidade principal de escolher duas ou mais unidades comensuráveis de estudo e explorar similaridades, diferenças e interconexões entre os casos requer atenção cuidadosa a um número de problemas metodológicos espinhosos.

Segundo José D’Assunção Barros (2007), a história comparada impõe a escolha de um recorte geminado de espaço e tempo que obriga o historiador a atravessar duas ou mais realidades socioeconômicas, políticas ou culturais distintas, assim como, por outro lado, essa mesma história comparada imprime, através do seu próprio modo de observar a realidade histórica, a necessidade, a cada instante atualizada, de conciliar uma reflexão simultaneamente atenta às semelhanças e às diferenças.

A História Comparada poder ser utilizada para conhecer a singularidade de diferentes sociedades. Esse procedimento de análise pode ser utilizado para demonstrar a insuficiência de uma hipótese explicativa e, também, formular uma nova hipótese consistente com a sua evidência comparativa. A comparação prejudica as explicações puramente locais, pois tende a invalidar hipóteses incorretas que se postulam por explicações gerais (SEWEL JUNIOR, 1967).

O ato de comparar permite ao pesquisador identificar erros ou inadequações em explicações hipotéticas que aparecem incontestáveis, analisados em um único contexto histórico ou geográfico. A partir desta perspectiva, o método comparativo contribui para a descoberta de singularidade de diferentes locais, regiões e nações.

### **3 DESCRIÇÕES DOS VIAJANTES ARGENTINOS E BRASILEIROS NOS SÉCULOS XIX E XX SOBRE A FRONTEIRA**

A fronteira como local selvagem a ser colonizado foi a definição dada por aqueles que se aventuravam em suas viagens para as regiões fronteiriças. Ela foi descrita, também, como local de prosperidade, de oportunidade para melhorar a condição de vida. Os viajantes tinham o objetivo de observar e anotar, acumulando informações sobre um determinado local de modo a transmiti-las ao público culturalmente próximo e geograficamente remoto, já que, até então, tais fronteiras eram ignoradas por essa cultura.

A viagem para a fronteira objetivava a produção de relatos acerca das riquezas para, posteriormente, ocorrer o processo de colonização de tais áreas. Logo, os relatos de viagem compõem diversos itens para a descrição do trajeto até a fronteira, bem como dos costumes dos habitantes de tais locais, sendo elaborados por meio de cartas, diários, documentos oficiais, crônicas, entre outros.

Na obra *Actualidade Indígena* (1908, p. 06), Telemaco Borda enfatiza que, entre os anos de 1856 ou 1857, durante sua estada no “valle do Piquiry”, foram atacados por índios chefiados pelo cacique Viry, “que lhes matou muitos guerreiros, aprisionou alguns e queimou-lhes os ranchos”. Apesar do ataque dos índios, Borba aponta que um grande número de índios procurou fazer amizade com eles.

Apesar da construção da ideia de que o sertão do oeste do Paraná era um espaço vazio, é constatada a presença indígena habitando esse local e, também, que os mesmos não eram “domesticados”. Constantemente eram tomados por assaltos daqueles que ousavam adentrar os sertões do “Piquiry baixo, Ivahy e Iguassú”.

Ao descrever como eram os índios Caingangues no ano de 1886, Telemaco Borba enfatiza espaço de conflitos e incertezas, pois os confrontos entre o homem branco e os índios eram constantes, ocorrendo, inclusive, raptos de mulheres para servirem aos colonizadores ou colonos.

Na primeira casa que encontraram na orla do sertão, trucidaram seus habitantes, levando tudo que lhes pareceu útil. Enquanto andava Combró nesta empresa, outros selvagens assaltaram seu arranchamento, matando alguns guerreiros, aprisionando muitas mulheres, entre as quais uma das de Combró. Este, indo em perseguição deles, alcançou-os, desbaratou-os, retomando sua mulher e outras. Os brancos, descobrindo o mortocínio, feito por Combró, na casa por ele assaltada, reuniram os índios aliados, e foram em perseguição dele; depois de muitos dias de caminho, descobriram o toldo em que estavam habitando, cercaram-no para assaltá-lo de madrugada; à noite uma índia que ia ao rio tomar água, viu um vulto perto do caminho, mas lhe pareceu que fosse um toco, na volta, não o vendo mais, contou isso às suas companheiras (BORBA, 1908, p. 29).

Como não havia uma forma de garantir e proteção aos indígenas, esses eram encarados como inimigos e, logo, exterminados. Segundo Borba, durante as madrugadas, os homens brancos assaltavam o “toldo”, matando os índios que ali estavam, e aprisionavam as mulheres e as crianças. Neste confronto, alguns índios conseguiam escapar desse espaço de conflito entre o homem branco e os índios. Pode-se perceber esse embate, pois “os Kaingangues, mostram-se sempre inimigos dos brancos, assaltando-os traiçoeiramente e trucidando-os em suas vivendas, rocas e pelas estradas” (BORBA, 1908, p. 129).

As relações entre homem branco e os índios Kaingangues, segundo Borba (1908), principiaram muito antes do século XIX, tanto com os índios aliados, como com os brancos e “Selvagens”, continuaram na hostilidade até 1863, ou seja, essa época retratada conflitos com os “selvagens”, principalmente praticados nos campos de “Laranjeira” e “Guarapuava”.

Sobre o dia a dia dos Kaingangues, Borba relata a habilidade que possuem em confeccionar armas, habitações e na agricultura, pois eram diferentes de outras selvagens, que não domesticavam, nem possuíam outros animais domésticos. “Note-se que na descrição que fazemos, nos referimos aos Kaingangues no seu primitivo estado selvagem; hoje, estão quase por completo transformados em caipiras, tendo adoptado grande parte do nosso modo de viver” (BORBA, 1908, p.136).

Outro fator é que os Kaingangues residiam pelo espaço da fronteira entre Brasil e Argentina por quase dois anos, entre 1894 e 1895, no território de Missões, na República Argentina. Segundo Borba, em salto do Guaira, no Paraná, por volta de cem anos não era visto “por gente civilizada, e que por esse motivo tinha se tornado quase um mytho” (BORBA, 1908, p.141). Descreveu que o trajeto até salto do Guaira era extremamente difícil, pois a distância da capital era considerável. Por causa da grande distância, a notícia de índios “bravios” e o “deserto” afugentavam os poucos que tinham “notícia da maravilhosa catadupa”.

Os habitantes dos sertões eram índios e colonos, os responsáveis por explorar o vasto sertão do Paraná nesse período. Borba (1908, p.142), enfatiza que “[...] esse era nada, apenas um rude sertanejo, amigo dos índios e de explorar o vasto sertão do Paraná. [...] As margens do Tibagi, em distancia de 20 Kilom. abaixo da colonia, são aqui e ali habitadas por colonos brasileiros e índios Caiguás, possuindo aquelles suas pequenas engenhocas e plantações de canna, milho, mandioca etc.”.

Neste sertão do Paraná, em 1876, existia aldeamento com povoado, tendo 300 habitantes, compostos pela grande maioria de indígenas Caiguás, “pacíficos e industriosos”, que ali viviam, sob a direção do patriótico cidadão “José Antonio de Araujo”. “Ali falharam um dia como para se despedirem de gentes civilizadas; o aldeamento do Paranapanema era o último ponto do sertão por nós ocupados” (BORBA, 1908, p.145).

Domingos Nascimento, em seu livro intitulado *Pela Fronteira* (1903), aponta as vantagens de comércio na região Oeste do Paraná. Em sua análise a estrada poderia ser aproveitada até a colônia do Iguassú, e a navegação era franca, sendo de grande “vantagens commercianes”. Além da análise das vantagens econômicas da referida região em visitaçao, Nascimento fez uma análise geográfica e etnográfica dos indígenas da região, denominados por ele de “aborígenes”.

De acordo com sua análise, os índios do Paraná estavam distribuídos entre:

*Guaranys*, margem direita do Baixo Iguassú e margens do Paraná; *botocudos*, desde as cabeceiras do Chapecó até a serra do Limoeiro, concentrando-se nas cabeceiras do rio do Peixe e Espigão do Bugre, fazendo excursão sobre o S. João e Jangada e plo valle do rio Negro; *coroados*, demoram entre o Chapecó, Chagú, barras de Piquiry e Ivahy, até os campos de Guarapuava: *cayoás*, ao norte do Ivahy até Paranapanema; *chacantes*, forquilha entre Tibagy e o norte do Paranapanema; *cavolleiros*, que vêm de Matto Grosso adventiciamente e fazem excursões na barra do Tietê e Paranapanema, extendendo as suas pescarias até o rio Paraná, a noroeste do nosso Estado. Os *coroados*, mais propriamente chamados *caingangas*, são em maior numero e habitam também a zona missioneira, e, como os guaranys, descendem da grande e velha raça tupy, cujo idioma, tão adulterado pelas luctas, novos cruzamentos e verdadeiros exodos, através de séculos no seu recuo constante para o interior do Brazil, tem as suas antigas raizes no *Kario*, como este no *Kopto*, como este ainda no *eskera*, antiquíssimo idioma oriental (NASCIMENTO, 1903, p. 75-76).

Nascimento, durante a sua viagem para Foz do Iguassú, além de relatar os índios bravios, ele aponta os índios mansos com os quais deparou depois do Chagú, ao atravessar o rio das Cobras. Esses índios mansos demonstravam-se adaptados à cultura do homem branco.

Sobre o passo deparou-se grande toldo de índios, que vivem em numeroso bando do caminho cumprimentar o general Bormann. São índios mansos em numero de 500: alguns já falam regularmente o nosso idioma e vivem em boa harmonia com a soldadesca em serviço da estrada: cultivam milho e feijão (NASCIMENTO, 1903, p. 82).

Ainda segundo o autor, o preço da terra nesse sertão era muito lucrativo para o Estado do Paraná, com a venda de títulos provisórios de terra de “hervaes”:

Chamo atenção do governo do Paraná para o seguinte facto: O governo vendeu por 144 contos á casa Barthe 35.551 hectares, e esta tem título provisório de mais 50 mil, que lhe custaram 200 contos – de terra de hervaes. Nada tenho a dizer sobre essas vendas lucrativas para o Estado; mas tenho debaixo dos olhos e com a escala á mão, copia de um mappa existente na Secretaria de Obras Publicas determinando a área e a posição desse terreno (NASCIMENTO, 1903, p. 93).

Nota-se que, nessa região, havia nas florestas um atrativo para os ervateiros da época, uma riqueza que gerava grandes lucros sobre as terras devolutas:

É verdade que sobre o Adelaide há herveiros cujos troncos têm uma espessura de 50 centímetros de diâmetro e que elevam a sua rica ramagem a grande altura como se madeiras de lei fossem. Essa prodigiosa riqueza deve ter provocado a cobiça dos hervateiros; mas, ao que me consta, são terras devolutas, sem concessionário até hoje. Esse rico proprietário, residente em Posadas, ostenta hoje os seus domínios até as proximidades da colônia, localizando roceiros para plantio do milho, para sustento de suas numerosas tropas, e colocando á margem da estrada acampamentos de hervateiros, *systema barbaquá* [...] (NASCIMENTO, 1903, p. 93).

Sobre a fronteira da Argentina, utilizamos do olhar do viajante Manuel Bernárdez, o qual relatou o seu trajeto de Buenos Aires, Corrientes, Misiones até Iguazú. Bernárdez aponta uma diversidade de elementos que compõem a fronteiras transnacionais entre Argentina e Brasil, no ano de 1901.

Manuel Bernárdez relata a sua viagem desde a capital Buenos Aires até as “cataratas do Iguazú”, apontando como local grandioso, considerado como um estupendo prodígio território missioneiro. O objetivo desta viagem era de conhecer as “maravilhas” da fronteira entre Argentina e Brasil, sendo uma forma de ver e conhecer essa região através do Rio Paraná. A viagem por todo o Rio Paraná tinha como intenção a divulgação dessa região, e não de fazer turismo (BERNÁRDEZ, 1901).

Podemos perceber que a divulgação da potencialidade encontrada em sua viagem nessa região fronteiriça era uma forma de incentivar a vinda de imigrantes para tais locais, trabalhando com as possibilidades econômicas dos locais passados por ele nesse trajeto até a chegada nas Cataratas do Iguazú.

Esses fatores acima mencionados são comprovados em seus primeiros apontamentos sobre Corrientes, o primeiro trajeto até a chegada em Misiones. “*Posadas, se van haciendo durante días, escalas en sus puertos, por donde se entrevé la vida laboriosa del interior, revelándose determinadas industrias regionales por los productos que echan á la costa del gran río procurando mercados*” (BERNÁRDEZ, 1901, p. IX). Observa-se que o autor mostra para os imigrantes a importância das indústrias regionais na vigorosa e original província.

Corrientes é descrito como local de população *criolla*. Porém, mesmo sendo um local de predominância *criolla*, “[...] *pues Corrientes es una de las provincias de población más criolla, á pesar de las salientes atracciones que á la inmigración agricultura ofrece su clima – al que ya llega, aunque atenuado por la distancia, el fecundante y cálido resuello de los trópicos*” (BERNÁRDEZ, 1901, p. IX-X). Nesta perspectiva, as terras eram excelentíssimas, especialmente as das margens paranaenses, que agregavam “vantagem naturais” e condições de transporte regular e desenvolvimento de uma ótima economia.

Misiones foi retratada por Bernárdez (1901) como a “*el salvaje vergel argentino*”, ou seja, um local com grandes possibilidades graças à selva colossal que apresentava. Outro item apontando é a destruição da população nativa de Misiones.

[...] *los vestígios de una civilización destruída á hierro y fuego por la intolerancia y la barbárie, sobre cuyas ruinas, al conjuro del manso y laborioso agricultor, vuelve otra vez á florecer la vida, y allá arriba, en el limite, el prodigio de las ingentes cataratas, que con el interminable trueno de su voz se diría que anuncian la grandeza continental para el día en que toda aquella desmesurada fuerza se transforme en acción, en culturar en poder industrial, en vida, en arte* (BERNÁRDEZ, 1901, p. X).

Nesse relato, podemos perceber que a população nativa (indígena) de Misiones foi destruída a ferro e fogo em uma extrema “barbárie”. Não tendo mais os indígenas na presente localidade, seria fácil o imigrante desenvolver as suas atividades sem contato com a população nativa. Sobre as ruínas da população indígena os imigrantes teriam grandes possibilidades para o desenvolvimento do trabalho agrícola.

Para os viajantes argentinos a viagem pelo território de Corrientes, Misiones até a chegada em Iguazú, deveria passar por terras selvagens. Sobre a fronteira brasileira é enfatizado por Miguel Cané (1901) como guerra selvagem fratricida, ou seja, a ferro e fogo destruiu a vida dos habitantes nativos. “*En bolsas, en cueros, en troncos de árboles lanzados á la merced de la corriente, ancianos, mujeres, niños por centenares, buscandan amparo en tierra argentina; los veíamos llegar con el terror en el semblante*” (CANÉ, 1901, p. XV). Assim, vemos que a violência em território brasileiro era um dos motivos para a migração para o território argentino.

*Pero la hora del regreso habia llegado; una galera, inmensa, pré-histórica, tirada por caballos apocalípticos, aéreos, tendiendonos sus brazos engañadores, nos atrajo á su senso. Al cuarto de hora de andar, el provenir se nos presentó em todo su horror: hice hacer alto, eché pie á tierra, exhorté á mis animosos compañeros y aprovechando el gentil ofrecimiento de um jefe brasileño emigrado, que nos cedió su tropilla com acabada cortesia, media hora después nos veíamos jinentes em briosos caballos* (CANÉ, 1901, p. XV).

O medo era um dos principais motivos da migração de um local para outro, em busca de um lugar melhor, e principalmente, a fim de fugir dos conflitos e do extermínio dos mesmos. Ou seja, “[...] *alzan libertadas por fin y caen delirantes de dicha em brazos de los suyos, aclamadas por el pueblo que comprende la terrible grandeza del sufrimiento de aquellas almas que acaban de cumplir uma promesa*” (CANÉ, 1901, p. XVI).

Mesmo a fronteira entre Brasil e Argentina sendo considerada um lugar selvagem, um ponto interessante de análise é a comparação entre as Cataratas do Iguazú (Argentina/Brasil/Paraguai) com a Niágara, situada nos Estados Unidos da América.

*¿Porqué siempre el Niágara, al hablar de su maravilha de América? ¿ Porqué ni una palabra, ni una sola, ni el nombre citado una vez, de mim Tequendama querido, tan grande, salvaje y soberbio em su belleza? ¿ Porqué no le conoce? Pero si tampoco conoce el Niágara! Usted me dirá que yo puedo passar entre nosotros por una curiosidade: el hombre que há visto el Tequendama (CANÉ, 1901, p. XVI).*

Na viagem por Misiones, Bernádez (1901) retrata um “*mundo pintoresco e enigmático de las islas*” que os navegantes conheciam ao navegar nos rios:

*Las familias de inmigrantes se agolpan á proa mirando avidamente á tierra. El cocinero de á bordo se acerca por detrás á una muchacha bastante linda, con la que há venido bromeando todo el viaje. La toca suavemente y la interroga cuando ella se vuelve: ¿ E dunque...? La muchacha médio se le enoja: - ¡Sálgase de allí! oh! – en galán se le apea con una mala palabra em correto genovés, escupe, echa um vistazo á la costa, y se vuelve á sus tachos, sacudiendo filosoficamente la ceniza del pito (BERNÁRDEZ, 1901, p. 15).*

A migração de famílias em busca de um local para uma melhor qualidade de vida demonstra o incentivo pela busca de um território, como o descrito por Turner, tido como um espaço de oportunidade, onde as leis de terras regulamentavam a sua ocupação. A solução era migrar em busca de um local que não tivesse que ser comprado, e essa *pseudo-compra* se dava através da ocupação do território.

Os imigrantes mudavam para tais locais em busca de novas terras, as quais eram a esperança de um novo local para a sua família. As famílias que viviam nos locais descritos por Bernádez (1901) refletem o contraste entre o mundo pintoresco e enigmático onde as famílias viviam em Misiones. Para Bernádez (1901), Misiones era “El paraíso Argentino”, considerada como uma das regiões maravilhosas do planeta. Além disso, dotadas de privilégios territoriais para aqueles que tinham o interesse de viver da agricultura. Misiones tinha uma população sumamente agrícola.

A cultura da “*En la selva*”, na ótica de Bernádez (1901), era um local cheio de privilégios e condições que a terra missioneira oferecia para o agricultor, habituado em trabalhar em terras livres de bosque. “*En tan privilegiada condición la tierra misionera es sin embargo desconcertante para el agricultor habituado á labrar tierras libres de bosque*” (BERNÁRDEZ, 1901, p. 20). Havia a possibilidade de lucrar com as riquezas dos bosques, já que os mesmos eram terras livres, sem uma legislação específica, logo o primeiro que deles tomasse posse poderia extrair as riquezas desse local.

No relato é demonstrado que as terras dos bosques eram propícias para a agricultura, uma forma de incentivar a migração para selva. Porém, o colono utilizava-se do método de limpeza da terra através do fogo, tal como expõe Bernádez: “*El fuego se encarga de limpiar el suelo, abonarlo con las cenizas y purificar el ambiente eliminando las plantas podridas de la maleza. Se siembra maíz entre los troncos, sin necesidad de outra herramienta que un machete que se clava em el suelo, se levanta con el terrón, se tira la semilla y se tapa com el pie. Fácil y rápido*” (BERNÁRDEZ, 1901, p. 22).

A melhor forma de limpar a terra de suas “Malezas” era o fogo, uma forma de tirar os matos, árvores, ou, até mesmo, os seus habitantes, como animais ou índios. Este foi o processo de apropriação deste território:

*Una tierra riquísima con el agregado de una gran parte de la selva que se alzaba en ella, y que á su seno ha vuelto por la acción del fuego y la descomposición de las raíces y tallos destruidos. [...] El agricultor regulariza entonces su trabajo, dueño de una tierra inagotablemente fecunda, que entre tanto, y mientras se hacia apta para la agricultura regular, le ha pagado el sustento com los cultivos logrados sin esfuerzo y com el produto de las maderas – que el fuego de la bojarasca no ha quemado, sino tostado y oredo, dejándolas listas para ser transformadas em vigas, tirantes y tablas – y le ha dado ya con qué comprar arados y bueyes para empezar á labrar su porvenir con lo suyo y sobre lo suyo (BERNÁRDEZ, 1901, p. 23).*

Com o trabalho regular sobre a terra, o colono desenvolveria o processo de ocupação dos espaços vazios argentinos, onde a barbárie estava presente pela população nativa. A agricultura regular era a solução para o processo civilizatório desta fronteira.

A floresta missioneira era um local de riqueza imediata, a riqueza natural apresentava diversas oportunidades de culturas. A exploração da erva-mate foi descrita como “exploração racional da vasta floresta missioneira”.

Bernárdez (1901) definiu a erva-mate como a “Flor de Tierra”, pois era um produto de grande importância para a República Argentina, tanto para o consumo como para a exportação, que girava entorno de quatro milhões de pesos de ouro ao ano. Misiones era um local especialmente propício para o cultivo desse precioso vegetal.

A lei da colônia estabelecia o cultivo forçado de erva-mate como tentativa de criar novas colônias. “*La ley de colonias, por su parte, debe ser especial para las de Misiones, estableciendo el cultivo forzoso y estimulado del árbol de yerba, y creando colonias yerbateras en parejas especialmente indicados para ese cultivo*” (BERNÁRDEZ, 1901, p. 33). O cultivo forçado da erva-mate era propósito do governo argentino sobre o colono ocioso em determinadas áreas da Argentina. A Migração desses colonos para a região de fronteira traria para a nação o desenvolvimento econômico e, principalmente, o controle sobre a fronteira com o Brasil. Outro fator é que esse tipo de cultivo contribuiria economicamente com o desenvolvimento desta região.

*El interés del colono será desde luego concordante con el propósito gubernamental, pues cada hectárea de árboles de yerba, en la que pueden radicarse mil plantas, empieza a producir a los tres años una arroba por árbol, producción que va aumentando a medida que el yerbal envejece. La arroba vale en la colonia cuarenta centavos de oro. Así, cada tres años, la hectárea de yerba le produce sin trabajo al colono cuatrocientos pesos oro, que suben a seiscientos y más cuando los árboles se hacen adultos. De suerte que con tres ó cuatro hectáreas de yerbal en su chacra para poder hacer podas parciales todos los años, se asegura el agricultor una renta fácil, que puede ser acrecida sin fatiga, con sólo ir ampliando el yerbal con los renuevos de su plantación. Por lo demás, este cultivo es por hoy de los que más fácil salida hallan en Misiones, pues se vende la hoja sapecada ó canchada, allí mismo, en cualquier cantidad que se produzca, sin necesidad de salir á buscar mercados. Se importan al año cuarenta mil toneladas y sólo se cosechan en los yerbales nacionales unas mil trescientas. Todo el margen (sin contar cuantioso contrabando) se paga á los países vecinos, Brasil y Paraguay.* (BERNÁRDEZ, 1901, p. 33-34).

Na descrição de Bernárdez (1901), o objetivo do governo de Misiones era fomentar a indústria de Yerbatera, pois a região tinha uma prosperidade agrícola por suas riquezas naturais disponíveis para os colonos. Podemos perceber que, além do cultivo da erva-mate, a exploração da madeira da selva missioneira seria outra possibilidade de ganho para os colonos e de companhias colonizadoras. Contudo, a exploração da madeira era uma alternativa de comercialização imediata e garantia o sucesso do empreendimento.

Além do processo de ocupação e colonização desta região de fronteiras de Misiones, Bernárdez (1901) enfatiza a importância da construção de estrada para essa região, pois seria estrategicamente importante e poderosa a influência sobre a população e a cultura dessa densa área de floresta. Contudo, o fato de não existir estrada de ligação para a capital do país, deixava a população que habitava tal região em completa “barbárie”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia da fronteira como espaço vazio ou selvagem a ser colonizado era, na verdade, apontado nos relatos de viajantes como espaços habitado pelos indígenas e colonos. O incentivo à imigração tinha como função desenvolver o processo civilizatório, com a intenção de ocupar e comercializar as terras destas fronteiras transnacionais entre Argentina e Brasil.

Com a existência de habitantes nestas fronteiras, os confrontos e conflitos entre os índios, colonos, imigrantes e companhias colonizadoras existiu, porém, esses conflitos ficaram esquecidos por parte da historiografia oficial. Os relatos destes viajantes trabalhados neste artigo contribuíram para apresentar esses conflitos nas fronteiras transnacionais.

Contudo, o ato de os viajantes conhecerem as fronteiras transnacionais foi uma forma de relatar as possíveis riquezas nativas disponíveis para a exploração, incentivando, assim, a vinda daqueles que estavam em busca de novas riquezas.

## REFERÊNCIAS

AUBERTIN, C.; LÉNA, P. Apresentação. In. AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Paris: ORSTOM, 1988.

BARROS, J. D.. História comparada: Atualidade e Origens de um campo disciplinar. **História Revista**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 279-315, jul./dez. 2007.

BERNÁRDEZ, M. **De Buenos Aires al Iguazú** – Crónicas de un viaje periodístico á corrientes y misiones – con numerosos grabados, un panorama y un plano de las grandes cataratas. Buenos Aires: Imprenta de “La Nación”, Segunda edición, 1901.

BONATO, T. **Viagens do olhar: relatos de viajantes e a construção do sertão brasileiro (1783-1822)**, Fundação Araucária/Editora Unicentro, Guarapuava, 2014.

BORBA, T. **Actualidade Indígena**. Curitiba: Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense, 1908.

CANÉ, M. *Carta-Prólogo de la segunda edición*. In. BERNÁRDEZ, M. **De Buenos Aires al Iguazú** – Crónicas de un viaje periodístico á corrientes y misiones – con numerosos grabados, un panorama y un plano de las grandes cataratas. Buenos Aires: Imprenta de “La Nación”, Segunda edición, 1901

MARTINS, J. S. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

NASCIMENTO, D. **Pela Fronteira**. Curitiba: Diretoria da exposição paranaense, 1903.

PURDY, S. A História Comparada e o Desafio da Transnacionalidade. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, 6-1 64-84, 2012

SEWEL JUNIOR, W. H. Marc Bloch and the Logic of Comparative History. **History and Theory**, v. 6, n. 2, 1967, pp. 208-218.

SILVA, L. O. Fronteira e identidade nacional. **Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e 6ª Conferência Internacional de História de Empresas**. Caxambu, MG: ABPHE, 2003.